

Entrevistado: Cristina Maria Oliveira Fonseca

Entrevistadora: Érica de Castro Loureiro

Data da Entrevista: 14 de dezembro de 2015

Local: sala de reuniões da pesquisa, 4º andar da expansão

Horário de Início: 14h15 **Horário de término:** 15h45

Érica de Castro Loureiro: Então, hoje é dia 14 de dezembro de 2015, eu sou a Érica Loureiro, a gente tá aqui no prédio da Expansão da Fiocruz, eu tô com a Cristina Fonseca, pra gente conversar um pouquinho sobre a memória dela relacionada a sua atuação na Casa de Oswaldo Cruz. Então, Cristina, eu queria começar te perguntando o seguinte: como foi a sua inserção dentro da Casa? Você vinha da Ensp? Se eu tiver enganada, você me corrige. Você vinha da Ensp e aí você veio pra casa em 88, foi isso? Como foi sua inserção nesse início da Casa de Oswaldo Cruz, né, como você se inseriu no projeto da Casa?

Cristina Maria Oliveira Fonseca: Tá, então vou recuperar um pouquinho pra entender, pra gente ir recuperando um pouco essa coisa. Antes eu queria agradecer a oportunidade. É bom também dar depoimento, entrevista, que a gente vai lembrando das coisas. Então é uma coisa legal, também. Obrigada pelo convite, também.

EL: Obrigada você por aceitar.

CF: É... Eu vou recuperar um pouquinho, porque, assim, pensar a história da Casa é pensar um pouco o campo, a construção do campo da história das ciências e da saúde, né. Então pra entender um pouco esse processo, a gente tem que entender como é que se delineava esse cenário dentro do mundo acadêmico, vamos dizer assim. Eu vim pra Fiocruz em 1985, pra trabalhar com um núcleo de pessoas dentro do Departamento de Ciências Sociais da Ensp, num projeto de pesquisa que era coordenado pela Regina Bodstein. Então existia um grupo de pessoas ali que se dedicava a estudar a história da saúde. Assim, de uma maneira bem geral que eu estou falando. Então você tinha algumas pessoas com formações diferenciadas, mas que já sinalizavam, naquela época, um interesse em se dedicar ao campo da história da saúde. E eles tinham um projeto que tinha um financiamento, um apoio, para fazer, estudar história do câncer no Brasil, a partir de um pedido, uma demanda, eu não estava no início desse projeto, eu fui chamada para ingressar no projeto, ele já estava já, já tinha mais de um ano, um ano e meio, sei lá, de funcionamento e de desenvolvimento. Então essas pessoas estavam se dedicando a estudar história do câncer mas era uma oportunidade também de estudar um pouco a história do Inca e de estudar a história da saúde no Brasil. Então, quem estava nesse grupo: era a Tânia Fernandes, a Marli Albuquerque, a Regina era coordenadora. E a Lisabel Klein. E, originalmente, quem fazia parte do grupo era o Jaime Benchimol. Aí o Jaime, no decorrer do processo, o Jaime saiu. Eu não sei nem por que motivos, eu não lembro. O Jaime saiu do projeto. E aí a Regina Bodstein, que me conhecia, me chamou pra participar do grupo, pra dar continuidade de entrar no grupo. Então, isso, assim, era a situação aqui da Fiocruz, pensando dentro daquela lógica que eu tô te falando de como é que era esse campo da história da saúde nesse momento, década de 80. Por outro lado, como é que eu conheci a Regina? Eu conheci a Regina porque eu fui chamada, fui convidada pra participar de um grupo de pesquisa de pessoas que estudavam a história da saúde no IHSOB, que era o Instituto Histórico... Agora não vou saber o nome direito... Era um Instituto, eu posso ver pra você o nome certinho do IHSOB que eu já não me lembro mais. É I-H-S-O-B, esqueci, meu Deus do céu, o nome do IHSOB, eu lembro da sigla. O Gadelha era de lá. E você tinha várias pessoas:

Gilson, se não me engano, também era de lá. Você tinha pessoas, era um núcleo de pesquisa dentro da Cândido Mendes, na época, funcionava no centro da cidade, e aí você tinha um grupo de pessoas estudando também diversas condições de vida, condições de trabalho, e tinha algumas pessoas que tavam estudando também história da saúde, um pouco linkando condições de vida e de trabalho e as questões de saúde, questões sanitárias, essas questões, esse debate, esse conhecimento estava começando a aparecer ali. Então, na época, o meu orientador do mestrado, porque eu entrei... voltando mais ainda, eu entrei no mestrado, na Uff, em 1983, já querendo trabalhar com história da saúde. Eu queria trabalhar com condições de trabalho, trabalho infantil e o impacto na saúde das crianças. Aí linkar condições de trabalho e saúde infantil. E não tinha ninguém dentro da história da UFF que trabalhasse com saúde. Aí tinha o Victor Valla, era a única pessoa dentro da UFF, do mestrado, da pós-graduação da UFF que estava começando a trabalhar com saúde, era professor da ENSP, e aí o Valla me aceitou, quer dizer, passou a ser o meu orientador, e me levou pra esse grupo do IHSOB, no qual estava a Regina Bodstein que também era do departamento de ciências sociais, o mesmo departamento do Valla, entendeu. Então, assim, se eu puder... eu tô falando, a partir da minha vivência, de quais eram os núcleos, os focos, quem é que estava começando a se mobilizar e a pensar em história da saúde, história da ciência, ninguém falava muito ainda nisso de uma maneira sistematizada como a gente fala hoje. Aí, então, a partir desse contato com a Regina, nesse grupo de pesquisa, eu posso depois procurar pra você até, porque esse, o pessoal do IHSOB publicou várias coisas, várias pesquisas, vários trabalhos, entendeu. Se não me engano eu acho que a Dilene também foi de um grupo de pesquisa do IHSOB, foi lá que ela conheceu o Gadelha, se não me engano... É, aí, a partir desse núcleo, quer dizer, eu conheci a Regina Bodstein, aí quando ela precisou de uma pessoa pra vim trabalhar aqui com ela na Ensp, ela me convidou, porque ela já me conhecia de lá, então ela me chamou pra vir trabalhar com ela. Então assim cheguei eu na Ensp. Cheguei na Fiocruz a partir dessa pesquisa. Então eu vim pra Ensp em 1995, pra trabalhar com essas pessoas, e ainda em 85 o Gadelha nos procurou, porque aí o Gadelha já tinha sido convidado pelo Arouca pra começar a montar um centro de pesquisa e documentação na área da história da saúde. Aí o que que o Gadelha fez: como o Gadelha foi convidado pelo Arouca, a primeira, uma das primeiras coisas que o Gadelha fez foi fazer uma reunião com esse grupo da Ensp, porque era o único espaço aonde isso estava formalizado e institucionalizado, tá. Então, aí, eu lembro direitinho da reunião, a gente sentado numa mesa com o Gadelha... porque quando eu estava no IHSOB eu não conheci o Gadelha, lá, eu fui conhecer o Gadelha nessa reunião que ele fez com a gente ali. Então estava Regina, eu, a Marli, a Tânia e a Lisabel. Que era o grupo que estava envolvido com o trabalho do câncer. E aí as pessoas ficaram super animadas, ele falou do projeto de criação da Casa de Oswaldo Cruz, e da proposta, né, de você começar a sistematizar linhas de pesquisa, de criar um centro de documentação e de pesquisa mesmo nessa área. Recuperar documentação, sistematizar essa informação, produzir conhecimento. Na realidade, é por isso que eu falo pra você, pensar a história da Casa é pensar um pouco o campo, a institucionalização desse campo. Então nós fomos pioneiros, você tem focos em alguns outros estados, mas acho que o apoio institucional que a gente teve dentro da Fiocruz foi fundamental pra Casa ser o que ela é hoje. Então, e aí nesse meio tempo, quer dizer, de 85 pra 86, aí a Casa foi criada formalmente, e aí essas pessoas, tanto a Marli, a Tânia e a Lisabel já vieram para a Casa de Oswaldo Cruz. Saíram da Ensp, terminaram nesse meio tempo o projeto do câncer terminou, aí elas saíram da Ensp e vieram para a Casa de Oswaldo Cruz, já se mudaram. Eu fiquei lá com a Regina, porque a Regina tinha começado, isso também na Fiocruz, a Fiocruz estava tendo apoio pra abertura de novos projetos. Então, nesse meio tempo, tudo estava acontecendo ao mesmo tempo, a Fiocruz ganhou um grande apoio de

verba, de financiamento de pesquisa da Finep, que a gente chamava de "Finepão". Então a Finep injetou muitos recursos dentro da Fiocruz, em várias áreas, para financiar pesquisas, de diferentes setores. E a Regina Bodstein tinha apresentado um projeto de pesquisa pra ter recurso da Finep, um projeto que foi aprovado. Então eu não quis sair de lá, porque eu já tinha um comprometimento com ela de estar... a gente ajudou a fazer o projeto, entendeu, de pesquisa, o projeto foi aprovado, aí eu falei: não, agora, não... vai sair todo mundo vai embora? Então eu fiquei com ela lá.

EL: E tinha essa perspectiva histórica também o projeto, de história da saúde, que nem era antes?

CF: Era, era. Era uma mistura. É, porque era um projeto de pesquisa pra você poder pensar na área de educação e saúde, práticas populares. Então... quem estava nesse projeto também... agora eu tô confusa, porque era a Lenira Zancan. Eu acho... eu não lembro se a Lena ela estava no Inca, ou ela entrou só no projeto depois, da Finep. Eu posso depois confirmar pra você. Porque a Lenira também era... Lenira Zancan. Ela ainda é professora da Ensp até hoje. Ela, agora eu tô confusa se ela estava no Inca ou se ela foi só pro projeto da Finep. Mas era um projeto que tem livro, saiu artigos publicados sobre isso, que era entender um pouco a relação, as concepções sobre educação e saúde e de que maneira isso tinha um impacto nas práticas populares de saúde, tem uma série... era um tema abrangente que gerou vários projetos dentro do departamento de ciências sociais da Ensp, entendeu. Então como eu tinha esse projeto, já tinha assumido esse compromisso com a Regina, eu não quis sair de lá pra vir pra Casa de Oswaldo Cruz direto, até poderia ter feito essa transição nesse primeiro movimento. Mas aí só vinha a Marli, a Tânia e a Lisabel. E eu fiquei com a Regina até o projeto terminar. Mas sempre a gente com contato, porque a gente tinha uma interlocução, uma área comum de trabalho. Nesse meio tempo foi realizado o primeiro Encontro de História e Saúde. A Regina participou, apresentando um trabalho dessa nossa pesquisa da Ensp, entendeu. Então a gente tinha uma interlocução muito grande, muito forte. Aí quando o projeto acabou, aí a Lisabel me trouxe, porque ela queria, o que que ela queria: ela queria que eu viesse pra Casa pra dar subsídio à pesquisa sobre a história institucional da Fiocruz. Porque como ia começar a montar todo o arquivo, né, a Casa estava começando a estruturar um projeto de preservação, identificação da documentação, de preservação dessa documentação, e pra isso era fundamental você conhecer a história da Fiocruz. A história administrativa, a história institucional da Fiocruz. Então a Lisabel me pediu pra eu vir... Ela foi a principal articuladora dessa minha saída da Ensp pra eu vir pra Casa. Pra eu vir pro Departamento de Arquivo, eu não vim pra pesquisa. Eu vim pro Departamento de Arquivo, porque na realidade ainda não era departamentos, os departamentos vão ser criados formalmente no ano de 91 pra 92. Também não tenho certeza, acho que é 91. Isso tem que ver direito, essa coisa de regulamento da gente. Não existia... a gente não estava aqui na Expansão, a gente ainda tava lá do lado de lá...

EL: Vocês ficavam aonde?

CF: Ah, espalhados. Prédio do Relógio, umas salas do Castelo, era todo mundo meio que espalhado, vários lugares. A gente veio pra cá em janeiro de 89. Eu inclusive que fiz, depois eu te explico essa... eu e Vânia Buchmuller, nós é que fizemos essa mudança toda, em janeiro de 89. Aí, mas aí, então. Eu vim com essa, com esse propósito, entendeu, de trabalhar, fazer uma pesquisa que desse subsídio para montagem do Departamento de Arquivo, quer dizer, montar... levantar informações, sistematizar essas informações sobre a história institucional da Fiocruz, pra poder auxiliar na identificação da documentação, na organização dessa documentação, entendeu. Então, o trabalho que eu fiz muito, junto com a Stella também,

Stella Penido, a gente trabalhou junto um tempo, logo depois que eu vim pra cá, e com a Ivana... Ivana era a secretária, Ivana me ajudou muito, porque o que eu comecei a fazer, junto com a pesquisa: fui pesquisar a legislação, recuperar toda a legislação do Ministério da Saúde, legislação do IOC, legislação da Fundação, e fui montando organogramas. Eu montei um monte de organogramas. Pras pessoas entenderem cada setor, você tem a Ensp, você tinha a Escola Nacional de Saúde Pública, cada departamento, e cada departamento estava subdividido em quê. Pras pessoas identificarem aquele documento, daquele setor, aonde ele estava naquela estrutura da Fiocruz enorme, entendeu? Então o organograma de todos os órgãos que existiam aqui. Não é o que é hoje, hoje é uma coisa muito mais complexa, né, a Fiocruz não era, não tinha... já era enorme, mas não era o que é hoje. Então, com isso, eu fiquei uma parte do meu tempo no Departamento de Arquivo, nesse início. Quer dizer, meu início na Casa foi pra poder dar esse suporte nessa pesquisa, nessa história institucional. Eu até tenho alguma coisa escrita, eu acho, sobre isso, porque nunca foi publicado, não. Depois se você quiser, eu posso ver se eu acho, porque... Que era uma coisa que a gente tinha que fazer, mesmo, como é que a gente vai montar um arquivo de documentos da instituição se você não sabe minimamente... Junto com isso o Jaime Benchimol, o Luiz Antônio, que era bolsista do Jaime, eles estavam produzindo uma pesquisa sobre o IOC, sobre a história da Fiocruz também, mas aí era uma pesquisa mais ampla que Jaime já estava entrando direto no campo da história da ciência e da saúde, formalizando aí o trabalho dele de pesquisa, né. A minha linha de... o meu trabalho foi, vamos dizer assim, acho que a gente podia dizer um pouco uma história administrativa da instituição, entendeu. Porque a lógica era entender cada órgão. Entender onde cada órgão estava pra você poder organizar essa documentação toda. Então com isso eu vim pra cá em setembro de 88. Fechei meu projeto de pesquisa na Ensp e aí vim pra cá. A gente publicou coisa, a gente apresentou o trabalho, esse trabalho de pesquisa da Ensp, a gente apresentou no primeiro congresso que teve da Abrasco, o primeiro Abrascão, que foi na UERJ, em 86. A gente fez coisas importantes com isso também. Nesse meio tempo eu tô lá fazendo meu mestrado em história, tentando juntar as coisas, né, trabalhando aqui, fazendo mestrado, foi uma coisa... tanto que o mestrado demorou muito pra acabar... E aí eu vim pra cá, então, em setembro de 88 e aí também já entrei, porque aí é uma característica pessoal minha, né: eu nunca fui só pesquisadora. Eu sempre tive um pé muito grande na parte de gestão, sempre tive muito compromisso institucional, então, sempre fiquei me envolvendo com uma série de coisas também vinculadas à gestão institucional. Então, aí eu em setembro... aí novembro ou dezembro a gente já estava fazendo reunião, porque a Casa tinha que definir seu regimento, um regulamento interno, então eu já era uma das responsáveis pra redigir regimento interno da Casa... e aí janeiro, eu... como eu estava lá, eu ficava lá no Prédio do Relógio, janeiro já me pediram pra supervisionar com a Vânia, porque aí a Casa conseguiu as salas aqui, os dois andares, o quarto e o sexto andar, aí... me pediram pra supervisionar toda essa mudança, eu não esqueço disso. Eu e a Vânia chegando aqui, o prédio estava muito abandonado... Muito sem uso, né? E aí a gente botando os papezinhos em cada porta, colando. Porque tinha aquele símbolo da Casa, que era um símbolo antigo, que era assim, sabe, um desenho? [entrevistada faz um gesto] E a gente, eu e a Vânia lá colando, em todas as portas... [risos]

EL: Tomando posse!

CF: Tomando posse... [risos] E eram salas enormes aqui, não tinha divisória, então a gente ia marcando... e o arquivo já começou lá em cima, mas era também tudo grande, tudo sem separação. E aí então em janeiro de 89 que começou essa ocupação do prédio, e começou toda a discussão, que aí entra numa discussão que tem a ver com uma área que tá começando,

vamos dizer assim, se construindo, que é o campo. Vamos pensar assim, pensar no campo da história das ciências e da saúde, pensar na Casa de Oswaldo Cruz como um centro de pesquisa e de documentação. Que aí começou uma discussão que ela vai atravessar esses anos todos na Casa, que é a discussão, a relação entre pesquisa e documentação. Então... como você separa o Departamento de Arquivo do Departamento de Pesquisa, qual é a atribuição do Departamento de Arquivo, entendeu, como é que eles conversam, ou como é que eles não conversam, entendeu, qual é a formação... Porque você dentro do Departamento de Arquivo tem muito historiador, sempre teve nesse início da Casa. Então você tem um diálogo aí, sempre isso gerou parcerias e gerou... confrontos também, divergências, entendeu. Então, tanto que você vai ver que várias pessoas que hoje estão aqui na Pesquisa vieram do Departamento de Arquivo, entendeu. Como eu, o Fernando Pires, Fernando Dumas, algumas pessoas que estavam lá e que acabaram vindo pra cá depois. Porque também você tá numa... a instituição estava se formando, se construindo, e à medida em que você define o lugar aonde cada um vai ficar é também identificar qual é o seu papel institucional. Eu era uma historiadora, estava fazendo mestrado em história, vim pra Fiocruz pra trabalhar em pesquisa, então eu tinha toda uma trajetória na área de pesquisa. Eu podia até depois me envolver mais diretamente com a atividade de documentação, me especializar nisso, mas na hora... mas chegou um momento que eu tive que decidir. Se eu fosse continuar no Departamento de Arquivo eu tinha que seguir uma outra trajetória de especialização, de investimento acadêmico. E eu queria continuar investindo em pesquisa. Aí por isso que aí acabou... quando eu acabei esse trabalho de história institucional, história administrativa, e os departamentos estavam sendo formados, também, porque a gente tinha um monte de assembleia, um monte de discussão pra definir, como é que vai ser essa estrutura da Casa. Aí eu vim pro Departamento de Pesquisa. Aí quando formalmente o departamento foi criado, aí eu vim pra cá. Eu fiquei... é, foi 91/92, porque eu fiquei... 88 a gente ainda estava lá. Então ainda estava todo mundo trabalhando muito junto, não existia isso, não existia um regimento, um regulamento, essas coisas estavam sendo feitas. E aí... Aí 89 a gente mudou pra cá. Então na hora que muda pra cá você configura uma separação física. Você delimita um espaço físico: aqui é do arquivo e aqui é da pesquisa. Antes ainda não tinha muito isso. Então na hora que você começa a montar a instituição você vai... essa delimitação física é importante nesse sentido, porque ela tá traduzindo esses espaços de ação acadêmica, profissional. Então a partir daí, a partir... ao longo desse ano de 89 a Casa foi sendo transferida pra cá, os espaços sendo ocupados, as pessoas definindo as suas funções. E aí, acho que ao longo de 90 é que a gente fechou essa discussão, pra 91 os departamentos terem sido criados, mesmo. Eu posso estar enganada, você pode ver depois... Porque eu confundo um pouco essa coisa das datas, né. Eu vim pra cá em 91. Então eu fiquei 89 e 90...

EL: Aqui pra Expansão, você diz?

CF: Não, eu vim pra pesquisa em 91. A gente veio pra cá em 89.

EL: Em 89 vocês já vieram pra ficar...

CF: É, a gente veio pra cá, em janeiro começou a mudança. Mas eu ainda estava no arquivo. Porque aí tem o outro braço, uma outra coisa que eu fiz. Junto com a história administrativa a gente, com essa mudança, quando a Casa começou a ser construída, e aí, é, as conversas do Gadelha, a chegada das pessoas todas, porque aí começaram a chegar os pesquisadores que o Gadelha estava convidando, as pessoas foram sendo chamadas e foram formando grupos diferentes. Então você tem o pessoal da história oral, que aí tinha a Nísia, com a Rose, fazendo... A Nísia com o Marcos Chor e o Nilson fazendo um projeto sobre história do Inamps,

o Gilberto também estava, acho, envolvido com isso. Aí tinha a Nara com a Rose, com a Wanda Hamilton, fazendo a história do IOC, dos caçados, entendeu. Então você começa a ter vários grupos diferentes que foram sendo chamados pelo Gadelha, convidados, para trabalhar e aí tem as histórias de cada um, entendeu. Porque aí a Nara já trabalhava num setor de história oral do CPDOC, então ela foi convidada pra vir trabalhar aqui e foi a pessoa pioneira, ela que meio que montou, criou essa... ela, né, a Wanda Hamilton, a Rose não tá mais aqui, a Rose trabalhou alguns anos depois foi embora. Mas assim, ela trouxe a experiência que ela já tinha de história oral no CPDOC pra começar a criar a história oral dentro da Casa, entendeu. Então foram sendo criadas, as pessoas foram... a partir de projetos de pesquisa, esse projeto lá da Nísia, com o Marcos Chor, com o Nilson, foi um projeto também, acho que teve financiamento do Inamps, se não me engano, pra fazer a história do Inamps, entendeu. Também com história oral. Então essas coisas foram sendo... os projetos de pesquisa foram formando os grupos de pesquisa e as áreas onde as pessoas foram desenvolvendo seus objetos, seus temas de pesquisa. Então... e assim, tudo com muita... a gente tinha muita discussão, muita reunião, entendeu, porque era o grupo que estava montando, né, estruturando a... o Fernando Pires também veio do CPDOC e trouxe... E por que que ele foi pro Arquivo? Porque era uma pessoa que tinha experiência no arquivo, entendeu, com a área de documentação do CPDOC, então ele também foi convidado pra vir pra cá pra poder aproveitar que era uma referência, o Fernando conhecia muita coisa de documentação. Tanto é que ele foi o primeiro chefe do Departamento de Arquivo, foi o Fernando. Que ajudou a montar isso. Então o que é que vai acontecendo: ao longo desse período, à medida em que esses projetos começam a aparecer, e aí tem o projeto que estava o Fernando Pires, foi um projeto que eles começaram a... que eles acharam, começaram a trabalhar com aquelas, as fotos, os negativos em vidro. Isso se achou... Porque o que que aconteceu, porque quando... .como você não tinha essa preocupação, o olhar que a gente tem hoje, não é que não existia. Existia um museu dentro da Fiocruz, dentro de uma outra lógica do que que era memória, do que que era museu, do que que era preservação... esse museu existia. Mas, assim, a perspectiva que a gente tem hoje, do que é um centro de documentação, é uma coisa completamente diferente, muito mais complexa do que o que existia naquela época. E aí a gente começou a achar muita coisa. Muito documento, você tinha, assim, uma das coisas mais absurdas, não sei nem se a gente tem foto disso... tinha muita coisa, muito livro antigo, muita, muita coisa antiga, muito livro antigo, num porão no Castelo. E essas coisas todas, quando a gente veio pra cá, em janeiro começou a mudança, a gente começou um processo de trazer essa documentação toda pra cá também. Então essa documentação toda foi ficando, hoje são as estantes, aqui no quarto andar. Porque o que que isso vai virar? Isso dá início a nossa biblioteca, entendeu. Então ela começa... Mas era assim que a gente chamava, eram dunas de livro. Dunas. Eram assim, quase até o teto de livro. Que foi tudo trazido pra cá. E que estava tudo jogado, largado, um monte de livros que eram livros antiquíssimos... muita coisa em alemão, porque eram livros da época do Oswaldo Cruz. Muita coisa que é obra rara que hoje já voltou pro Castelo, pra Biblioteca de Obras Raras, entendeu. Mas isso tudo durante anos e anos e anos estava lá abandonado, ninguém nem sabia da existência disso nem estava muito preocupado com aquilo. Então o outro braço, também, dentro desse desenho institucional que eu tô fazendo assim, meio que... eu não tô nem falando do DPH que é outra história de preservação do Castelo, é outro braço dessa coisa aí. Tô falando da pesquisa e da documentação. Na hora que vem, a gente consegue trazer isso tudo pra cá, aí a gente vai começar a fazer o quê? Aí eu me envolvi nesse projeto também. A gente começou a limpar os livros todos e a catalogar tudo isso, um primeiro... uma primeira identificação, rápida, entendeu. Pra poder sistematizar esses livros e poder começar depois a organizar numa forma mais, num cadastro bibliográfico mais correto, adequado. Mas aí a

gente, com isso a gente deu origem a biblioteca. Então, como eu estava no Departamento de Arquivo, eu também me envolvi diretamente com esse trabalho que foi uma coisa muito legal, também. Muito... muito importante, eu acho. E aí... a Wanda Weltman, que já se aposentou, seria a pessoa ideal pra te contar toda essa história, porque... a gente estava muito junto. A Ana Luce, que trabalha no departamento de Arquivo até hoje, Ana Luce também estava envolvida nisso. E aí a gente fazia de tudo. A gente fez de tudo. Porque a gente chegou aqui, um prédio que estava... a gente teve que contratar, isso a Lisabel, eu e Lisabel, a gente que acompanhou isso mais de perto. Porque com essa mudança, pra gente poder trazer esses livros todos pra cá, a gente tinha que avaliar se o prédio tinha condições de receber estantes, entendeu. E esse prédio era um prédio que tinha um monte de problemas de construção, porque teve desvios de material, desvio de verba, tem uma história complicada durante a construção dele. Quando a gente chegou aqui, aquela ala ali, você tem essa parte daqui que a gente tá, né, da 401 até 410, né, 409, sei lá. Aqui, desse pedaço do corredor que a gente tá. Aí você tem o vão dos elevadores, e aí depois começa a outra ala que começa a biblioteca, começa o setor de vocês. Entre esse setor e a... Ali no corredor, antes de começar essa parte de vocês, tinha um vão no chão, você via o andar de baixo, você tinha uma separação ali, entendeu. Você via o andar de baixo. Então você tinha um monte de coisas que a gente ficou insegura, então eu e Lisabel a gente teve que chamar um pessoal, uma equipe de engenheiros da COOPE, pra poder fazer todo um estudo do prédio, avaliar se o prédio tinha condições de receber, né, estantes, pesos, livros, entendeu. Aí depois que isso tudo foi... se deu ok pra isso tudo, com laudo e com tudo, que deve estar arquivado em algum lugar, aí a gente trouxe as famosas dunas pra cá. E aí começamos esse trabalho, que eu tô falando que foi muito legal. Mas aí a gente tinha que fazer tudo. A gente fez tudo. A gente limpou chão, limpou janela, montou estante, pra poder começar a organizar os livros, entendeu. Então isso durou meses. Aí a gente tomava banho aqui. Outro dia estava lembrando disso, quer dizer, você tinha que botar roupão, máscara, luvas, porque era um monte de livro guardado há duzentos anos. Aí no final do dia nos banheiros tinha chuveiro, e a gente tomava banho. [risos]

EL: Dedicção total, né?

CR: Mas era legal, foi um trabalho bonito, porque a gente com isso começou a biblioteca da Casa, e preservou essa documentação toda. Porque eram livros antiquíssimos, coisas raras. Porque com isso o que que você tá construindo? Você tá construindo uma ideia de valorização disso também. Porque as pessoas não tinham... não tavam muito atentas pra isso. Na medida em que você vai abrindo um campo de conhecimento, vai sistematizando isso, você também está sinalizando pras pessoas, olha, isso é importante, você tem... não é a história como simplesmente, como uma história como um diletantismo. Uma coisa com milhões de aspas aí. É uma coisa da pessoa entender porque a história é importante, porque que... a gente cansou de ouvir isso, "mas pra que que você... porque você tem um centro de pesquisa, de documentação dentro da Fiocruz?" Quer dizer, cansei de ouvir... "mas você, historiadora, o que você faz dentro da Fiocruz?"...

EL: Mas ouviu o que, fora daqui, né?

CF: É, é, entendeu... Aqui também, há uma certa resistência até as pessoas entenderem, porque "isso aqui, não, isso aqui é uma área biomédica, o que vocês estão fazendo aqui", entendeu. Então por isso. Porque é uma área que está sendo construída, é um campo novo, entendeu. Hoje em dia você tem vários núcleos diferentes no Brasil inteiro. Apesar de isso já existir lá fora, há muitos anos, você tem centros de pesquisa na área de história da ciência, da saúde, há anos, a França, na Inglaterra, entendeu, muito mais antigos que a gente, é. Aqui, no

Brasil, isso ainda era uma coisa muito preliminar. Então por isso que é uma coisa... não dá pra entender a história da Casa sem entender a história do campo, entendeu, por isso que eu chamo a atenção pra esse link, porque isso é fundamental. Porque a gente foi realmente construindo um... sistematizando, no meio acadêmico inclusive, porque aí você vai... possibilitando... foi o que eu falei, eu entrei num mestrado de história... tudo bem que naquela época, na década de 80, você tinha poucos mestrados, as pessoas não faziam mestrado e doutorado como se faz hoje, mas você não tinha... não tinha ninguém com quem eu tivesse, entendeu, interlocução na área da saúde, não existia isso. Era uma coisa totalmente nova. Então... Tanto quanto história da ciência, né? Então aí, esse trabalho com a biblioteca, aí eu fiquei ainda, eu estava vinculada ao Departamento de Arquivo, entendeu. Então eu estava aqui, trabalhando... Isso tudo foi isso, 89, 90. E a gente discutindo, fazendo, tentando fechar, e tinha um monte de discussão, e vai ter eleição, e vai ter chefe de departamento, e tendo aquelas discussões todas da própria construção gerencial, administrativa da Casa. E aí 91 eu vim pra cá pra efetivamente...

EL: Que foi quando teve a divisão, então...

CF: É, foi quando o Departamento... Porque é isso que eu não posso te dizer direito, isso foi final de 90, início de 91, eu teria que ver, não sei mais de cor... Ainda mais que a gente ficava todo mundo junto, no mesmo andar, quer dizer, eu estava trabalhando, organizando, montando, ajudando a montar a biblioteca, mas eu estava aqui do lado, no mesmo andar. O Departamento de Pesquisa estava começando a se constituir, era todo mundo junto. Você não tinha ainda muito essa separação. Então essas coisas, aos poucos, é que foram... E à medida que você cria, formaliza, dentro da estrutura, aí sim. Você formaliza, digamos assim, juridicamente, burocraticamente e fisicamente. Você vai fazendo essas distinções, e aí com isso você tá realmente criando uma instituição.

EL: E aí nesse momento de construção era só esses dois departamentos, já tinha uma previsão...?

CF: Não, porque tinha o braço do DPH. O DPH é que vai sendo... em função da restauração do Castelo, que foi um projeto também, enorme, aí o Renato que tem que contar isso com calma, que o Gadelha também estava à frente, que foi conseguir financiamento pra poder restaurar o Castelo. Todo o projeto de reforma, de restauração do Castelo, que vai dar origem... porque aí são um núcleo de arquitetos que vão dar suporte, vão estar acompanhando e orientando todo esse processo. E que vai dar origem ao DPH. Departamento de Patrimônio Histórico. Aí isso o Renato Gama que vai poder te explicar com bastante calma... Eu não sei quando o Marcos José entra também... Mas o Marcos acho que é depois do Renato, não tenho certeza...

EL: Aí, é, e você sabe se já tinha... você falou que tinha um museu, né, na casa, ele tinha essa perspectiva...

CF: O museu na Fiocruz.

EL: Na Fiocruz, é.

CF: Isso, era um museu... Esse museu, teoricamente ele fica junto com a Casa. Ele passa a fazer parte da Casa. Mas era um museu que era o Luis Fernando que era quem coordenava, dirigia... Esqueci o sobrenome do Luis Fernando... Mas ele já faleceu, há muitos anos. É... ele que era meio que o responsável pelo museu. Mas era um museu, assim, uma coisa mais de você identificar peças pra exposição, entendeu, uma coisa... Digamos assim, um museu mais num

modelo mais tradicional, uma coisa mais antiga... mas ele vai ser, digamos assim, incorporado à Casa, vamos dizer assim. Mas já junto, um trabalho junto com a gente. E numa tentativa de... assim, a criação do Museu da Vida é um projeto de... mais à frente, de exatamente tentar, né, complexificar a maneira como se lidava com isso. Mas vão ser os quatro eixos da Casa. Não dá pra pensar no Museu da Vida sem enfrentar essa coisa do museu que existia antes... que é hoje onde tá o Pedro Paulo, vamos dizer assim, se puder simplificar as coisas. Que é onde tá toda a museografia, os objetos museográficos, isso tudo vem desse antigo museu que já existia, entendeu. Por isso que eu acho que era legal você conversar com o Pedro Paulo, porque o Pedro Paulo pode te explicar bem essa coisa, essa transição do que era as origens do museu, como eu tô te falando agora, como é que a Biblioteca começou, entendeu? Vem da coisa das Dunas... Acho que o Pedro Paulo pode ajudar nisso, que é pra entender que lá dentro do que é o Museu da Vida hoje, você tem um pedacinho que veio desse museu antigo, que existia dentro da Fiocruz... Agora, eu não sei, por exemplo, quando esse museu que o Luis Fernando controlava, não sei quando ele foi criado, desde quando ele existe, entendeu. Aí teria que entender dentro da história da Fiocruz, desde quando. Eu não sei. Não lembro. Já deve... alguém já deve ter me dito alguma coisa, mas eu não lembro, não. Porque isso é... Vamos dizer assim, é a origem, é o que tá...

EL: Você falou que tinha, né, pra Casa era muito novo esse modelo que estava se criando, mas que tinham outras instituições que já falavam da história da saúde no mundo, e tal. Vocês usaram alguma como exemplo pra pensar o desenvolvimento dessa área. Até pra pensar as áreas de desenvolvimento, de pesquisa? Como é que...

CF: As temáticas que você fala?

EL: É...

CF: Ah, sim, isso aí vai ter interlocução, vai ter muita interlocução com o Inserm, com o Welcome, na Inglaterra, entendeu. Mas isso é uma coisa que não vai ser logo no início, entendeu. Os objetos de pesquisa, os temas, digamos assim, eles começam muito voltados pra instituição e pra história brasileira. Logo nesse início que eu tô falando, bem no início da Casa. Você vai ter uma, assim, uma preocupação e um investimento grande do Gadelha em pesquisa com a Fundação Rockefeller, a história da Fundação Rockefeller, mas por quê? A Rockefeller ela tem um papel importante na história da saúde pública brasileira, entendeu, então também desde o início o Gadelha também vai estar envolvido com a pesquisa com... relacionada à Rockefeller, ele foi pra arquivo da Rockefeller, entendeu, fazer levantamento de documentos... E depois esses laços, essas parcerias internacionais elas vão se estender, mas no início é muito em função... porque eu tô falando, os projetos eram projetos muito pra entender a história do Inamps, a história dos caçados, a história da Fiocruz, era uma coisa muito... digamos assim, mais voltada pra gente mesmo, pra gente... Agora, é lógico que o referencial teórico é um referencial teórico acadêmico que dialoga com a produção intelectual internacional. Pensando academicamente, eu não tô pensando em termos de... Assim, o modelo de estrutura organizacional, o modelo da instituição, a maneira com que a instituição se organiza, não necessariamente está copiando, ou replicando modelos internacionais. Essa discussão, esse debate é mais acadêmico. Porque aí não adianta, você vai começar a discutir história da saúde, história da ciência, você tem que ter... aí e a discussão é internacional mesmo. Você tem, você tem... porque a gente, isso aqui no Brasil é muito novo, então...

EL: E aí você falou que foram sendo chamadas pessoas que tinham já a sua competência, como a Nara, o Fernando... e aí como é que foram se conformando essas novas áreas, assim, mais

permanentes, quando deixaram de ser esses projetos que você diz, mais... história do Inamps, e tal... como é que se foram se conformando mais um pouco as linhas de pesquisa na Casa?

CF: Aí acho que a gente entra numa outra fase, depois que acaba esse início, né, que você tem projetos financiados pela Finep, projetos financiados pelo Inamps, coisas pontuais, à medida em que isso foi sendo desenvolvido, o que que aconteceu? Aí... a gente era... tudo era muito discutido, a gente tinha uma coisa muito... tinha muita briga, mas muita discussão e muito num processo coletivo, era uma coisa legal também, era muita, muita... tinha divergências, mas tinha um projeto coletivo comum, entendeu, estava todo mundo... Qual era o objetivo? Montar uma instituição, né, construir um centro de documentação e pesquisa. Então... a gente tinha essa meta. Aí depois dessa fase inicial, porque bem ou mal, esses projetos iniciais eles vão subsidiar, por um lado, financeiramente, eles tornam viáveis a existência da Casa, porque a Casa tá recebendo suporte, apoio financeiro de instituições, pra poder desenvolver seus projetos de pesquisa e poder bancar esses pesquisadores, essas pessoas aqui. À medida que a instituição, que a Casa é formalizada, é reconhecida, tem um regimento, passa a integrar a estrutura da Fiocruz, você entra numa outra fase. Porque aí depois viramos, nós todos, servidores públicos, nós fomos incorporados à instituição e... Em... 87... Janeiro de 87 que formaliza isso. Aí depois em 89... Mas a gente era seletista, depois a gente vira RJU, aí isso eu não sei exatamente quando, se é em 89 que vira RJU... mas aí você tá institucionalizando. Então você tem... E aí é importante também... É porque não dá pra pensar a Casa só a Casa. É pensar a Casa dentro da Fiocruz, tudo o que tá acontecendo. Porque a Fiocruz... A Casa foi uma das unidades criadas pelo Arouca, né? Outras foram criadas na mesma época. O Politécnico, a Escola Politécnica... O ICICT... E o CEST, o Centro de Saúde do Trabalhador. Essas quatro unidades foram criadas praticamente, todas no mesmo ano e não sei a diferença de meses entre uma e outra, mas são todas da mesma época, então a Fiocruz também tá crescendo. Tá abrindo novas áreas. E você vai ver, são áreas novas de atuação dentro da estrutura da instituição. Então... À medida que essas instituições começam também a fazer parte da estrutura institucional da Fiocruz, você começa... Aí a gente entrou numa nova fase. Esse primeiro movimento de desenvolvimento dessas linhas de pesquisa, eles foram pra dar início a essa fase inicial de sistematizar um conhecimento, se criar um chão pra começar a construir a instituição. Passada essa fase, que que a gente começou a fazer. A gente... a gente viu, decidiu e se programou para um investimento na formação acadêmica. Então ficou definido que todo mundo tinha que fazer mestrado e doutorado. Mestrado muita gente já estava fazendo. Agora tá na hora de a gente investir, começar a fazer doutorado todo mundo, também, investir na formação das pessoas. Então houve, assim, é como se fosse, foi uma diretriz institucional, que foi sinalizada pra todo mundo, tanto que você pode começar a ver, você vai ver que as pessoas vão começar, todo mundo vai começar a entrar no doutorado em 90, 91, que tá todo mundo indo... aí foi, vamos dizer assim, a nova etapa de formação e de constituição desse campo acadêmico que estava sendo construído, entendeu. Aí com o doutorado essas linhas de pesquisa vão se tornando mais definidas e vão ganhando uma outra conformação. Porque aí começa uma diferenciação, quem vai investir em história da saúde e quem vai investir em história da ciência. Várias pessoas foram fazer doutorado na USP, na área de história das ciências. Ou vai pra história, ou vai pra história da saúde pública... E aí você vai ter uma base, é como se fosse uma nova etapa nesse processo. É lógico que dialogando com as coisas que as pessoas fizeram antes, mas já uma nova etapa com um... Que vai acompanhando um pouco a complexificação do campo mesmo.

EL: E isso era discutido também, por exemplo, as linhas que iam passar a investigar, ou era um interesse das pessoas...?

CF: Era uma coisa mais individual. Porque era uma coisa do que estava motivando. Aí tem uma coisa de motivação também... É lógico que essa motivação ela vai ter um vínculo com a trajetória das pessoas também. Então... de alguma forma isso tem... No meu caso, por exemplo, como eu já... quando eu entrei no mestrado, em 83, eu já queria trabalhar com condições de trabalho, e com saúde infantil, acabei fazendo uma dissertação de mestrado sobre política social no governo Vargas, pra criança. Trabalhei com saúde da criança no governo Vargas... Eu ali já estava claro que meu interesse era a área de política, que foi com o que eu fui me especializar, história de política pública de saúde, era o meu campo. Eu não fui para a área de história da ciência. Porque já desde o começou eu já tinha ali... Então junta uma demanda institucional com uma vocação, um interesse acadêmico. Então essas coisas foram sendo meio que definidas. Aí cada um vai ter um espaço, uma justificativa... talvez uma explicação diferente.

EL: E quando se começou a profissionalizar essa área, já tinha uma perspectiva de ter um programa de pós-graduação, alguma coisa dessa pesquisa se reverter em uma área de ensino? Ou isso foi...

CF: Não, isso já tinha. Na hora que você sinaliza que todo mundo tem que fazer o doutorado, já é com a perspectiva que no futuro a gente vai criar uma pós-graduação. Isso estava no horizonte. Tanto que aí, depois que todo mundo se graduou, quer dizer, quando a maioria dos pesquisadores concluiu seus doutorados, a gente já estava pronto pra começar a abrir um programa de pós-graduação. Mas isso tudo é uma estratégia. Uma estratégia institucional.

EL: Que estava bem traçada, essa formação e tudo...

CF: Isso com o apoio muito grande da instituição, isso é uma coisa muito... da Fiocruz e da própria direção da Casa, que sempre teve muito... muito apoio, muito suporte nessa direção... uma clareza de que a gente tinha que ter um investimento acadêmico mesmo pra poder... avançar nessa direção. Que é uma coisa um pouco da mudança da própria sociedade brasileira também. Porque você, hoje, é uma coisa natural, as pessoas terminam a graduação e todo mundo vai fazer um mestrado, se você tá trabalhando nessa área você vai fazer um mestrado, vai fazer um doutorado. Então o que era uma coisa, vamos dizer assim, mais reduzida naquela época, nos anos 80 quem ia fazer mestrado e doutorado, principalmente, era os professores universitários que estavam começando a ir por esse caminho. Aí a partir do final de 90 isso já vai se alargando, surge mestrado profissional, surge um reconhecimento dentro de plano de carreira, de que se você tem mestrado e doutorado você ganha uma gratificação, isso indiretamente também é um estímulo. Então, de um modo geral, dentro da sociedade como um todo, você vai expandindo isso. E que por outro lado também favorece a criação do programa de pós-graduação aqui. Porque hoje em dia você tem, todas as unidades da Fiocruz têm pós-graduação. Cada uma dentro da sua área. Isso é uma coisa geral. Então é só pra linkar essa estratégia de capacitar os profissionais da Casa, com a lógica, com uma visão estratégica você criar uma pós graduação, não é uma coisa única nossa, entendeu. É isso que eu tô chamando a atenção. É uma coisa... Isso tá... Tem uma interlocução com uma mudança dentro da sociedade mesmo. Formação de um campo, né? E a outra coisa que vai surgir junto com isso, o que é que é: a Revista Manguinhos. Porque na hora que você tá conformando, criando um campo, sistematizando um campo de conhecimento científico, aí você tem que ter um veículo de difusão... E aí a Revista é criada. A gente tinha os cadernos, antes, que a gente criou, e aí depois a Revista é criada.

EL: Como é que eram esses cadernos?

CF: Eram uns cadernos pequenos, que a gente mesmo... Era uma coisa mais simples. Era uma forma de a gente... a gente escrevia artigos pequenos e você... e aí imprimia pra... saíram alguns, eram os resultados dessas pesquisas iniciais, entendeu. Com texto da Nísia, da Nara, com as entrevistas dos caçados, entendeu. Tinha coisa da Nísia, eu publiquei da minha pesquisa que eu tinha feito também... Suiu pouca coisa. Ela chamava Cadernos da Casa de Oswaldo Cruz, acho que era isso. Isso tem na Biblioteca. Porque a ideia da Revista estava sendo amadurecida, pra gente ter fôlego, ter condição de criar uma Revista da estatura que é a Revista. Então a gente inicialmente foi criando e saiu o livro das Expedições, né, com as fotografias, depois que os negativos de vidro foram tratados, então deu origem à publicação do livro das expedições, que foi um marco, eu acho assim, de divulgação do trabalho, contextos analíticos dos pesquisadores, foi uma coisa importante o livro. Porque juntava pesquisa com documentação. Tratamento, você pegou os negativos de vidro, se tratou, imprimiu, divulgou esse trabalho. Então juntou. O livro das expedições é um bom... pra você ler a introdução, apresentação, é uma boa coisa pra você entender um pouco esse início da Casa, porque ele traduz um pouco esse momento, entendeu? E o livro do Jaime, né. Aquele primeiro livro do Jaime, Do Sonho...

EL: Manguinhos, do Sonho à Vida...

CF: É, do Sonho à Vida, isso. Acho que é também resultado da pesquisa dele. Foram os primeiros trabalhos que estão um pouco espelhando essa fase inicial da Casa. Os primeiros resultados, vamos dizer assim, desse início, né, dessa pesquisa. Dessa articulação, da parceria entre os pesquisadores... O link que eu fiz com a Revista é porque eu tô novamente costurando. Você tem uma história institucional, que tem a ver com o campo de conhecimento que tá começando a se formalizar no Brasil, e aí você tem uma publicação acadêmica, altamente reconhecida como é a Manguinhos hoje. Internacionalmente...

EL: Você sabe quando ela surgiu? Foi em que período?

CF: Ah, a Manguinhos é de 90. Final de 90... per aí... Não sei que ano, não. Mas ainda é 90. Não sei se já tem 20 anos... talvez. Isso a gente pode ver. Eu sou péssima pra data e nomes...

EL: E aí, dessa área, assim, você falou, por exemplo, de alguns marcos, né. Primeiro dessa divisão dos departamentos, dessa estratégia de formação dos doutores, da própria criação do Programa, né, a partir disso, da criação da Revista, esse livro das Expedições também você colocou como um marco da área... você lembra de outros marcos, pode ser mais pra frente, mesmo, da área de pesquisa na Casa que você queria destacar? Da conformação da área mesmo.

CF: Eu acho que o marco importante foi a criação da Pós, né. Eu acho que a criação da Pós vai dar uma mudança também. Sem dúvida nenhuma. O que era o Departamento de Pesquisa antes e depois da criação da pós-graduação. Isso é um, vamos dizer assim, um divisor de águas. Porque aí vai mudar tudo. Toda a estrutura, a lógica do departamento, assim... a rotina... você muda... Porque aí você vai ter as pesquisas que podem ou não estar dentro da pós-graduação, desses primeiros anos, que a pós-graduação também foi criada em 2000. É... Então, o que você tinha, você tem... é lógico que você vai ter pesquisas que estavam sendo feitas, que elas vão estar sendo... vão continuar sendo desenvolvidas. Mas você vai ter cada vez mais uma... pouca distinção entre o que é a pós-graduação e o que é Departamento de Pesquisa, o que eu acho que isso é um problema. Que hoje, atualmente, a gente tá colocando isso, porque a gente precisa também separar o que é pós-graduação... Porque a pós-graduação, quando surge, ela surge com impacto, com peso, com uma importância tão grande,

que ela meio que engole aí o departamento de pesquisa, fica difícil separar o que é um e o que é o outro. Só que são coisas separadas, são coisas distintas. Então isso também é importante. Hoje em dia isso tá mais claro um pouco, porque você tem uma série de atividades, atribuições e coisas que são feitas no âmbito do Departamento de Pesquisa que não necessariamente vão estar ocorrendo dentro da pós, entendeu? Tem alguma ligação com o que tá sendo feito pelos pesquisadores que trabalham e são professores da Pós. E nem todos... A maioria, né, 99% dos professores da pós-graduação são do Departamento de Pesquisa. Mas você tem gente do Departamento de Pesquisa que não está na pós-graduação. E você tem coisas importantes acontecendo, vinculadas à área de pesquisa. Hoje em dia, por exemplo, o Observatório de Recursos Humanos e Saúde. Você tem... Tá lá o Fernando Pires, que não é professor da pós-graduação, você tem o Carlos Fidelis, que não é professor da pós-graduação, agora o Carlos Henrique Paiva entrou pra Pós, mas até então não era, e são pessoas que estão desenvolvendo, fazendo trabalho de pesquisa importante nessa área e que... Então, hoje em dia, é uma nova etapa, acho que a gente tá numa nova etapa também de delimitação do que é específico de cada espaço. Pensando aí numa lógica institucional de novo. Como tem o observatório podem criar outros, aparecerem outros observatórios. Porque a Pós tem características específicas também, tem demandas próprias...

EL: Essa coisa da constituição da área da Pesquisa foi bem planejado isso, né. E o estabelecimento da Pós, também, de como ela ia acontecer, esse projeto também foi planejado?

CF: Foi. Foi muito discutido, foi muito debatido também entre a equipe, as pessoas que estavam envolvidas com isso. Documentos, produz documentos, e discute, e qual é o desenho, qual é a linha. Você define disciplina, conteúdo de disciplina... Quem pode falar muito bem sobre isso é a Maria Rachel e o Luiz Otávio. São as duas pessoas que acompanharam isso desde o início. Luiz Otávio era o coordenador, foi o primeiro coordenador da pós-graduação e foi quem coordenou esse processo. E a Maria Rachel tá nisso desde sempre. Rachel foi coordenadora adjunta, depois foi coordenadora, ficou anos e anos a frente da pós-graduação. Então ela também conhece muito bem todo esse processo de criação, constituição da Pós... Eu não acompanhei isso muito de perto porque... Primeiro eu engravidei nesse meio de caminho. E depois eu fui fazer o doutorado. Então esses primeiros anos da pós-graduação eu estava mais ausente. Estava muito dedicada a minha pesquisa, ao doutorado, e com filho pequeno, então eu não participei muito disso, não.

EL: E aí, ao mesmo tempo que vocês estavam construindo essa história, essa sistematização do campo, vocês tinham uma preocupação com a memória, assim, desses processos, do aprendizado de como é que essas áreas foram constituídas, refletir e registrar isso de alguma maneira. Você até falou de alguns livros, né, você me indicou, que pode ter um pouco desse contexto, de como essas áreas... mas tinha uma preocupação com esse tipo de memória, assim, do que vocês estavam criando mesmo, de refletir sobre o que vocês estavam criando? Você diz que não seguiu exatamente um modelo internacional, tinha uma coisa de especificidade... Tinha essa preocupação com esse registro desse processo, dessa evolução da área?

CF: Olha, uma coisa que a gente fez que foi muito rica, isso foi na gestão da Nara... A Nara foi chefe do Departamento de Pesquisa dois períodos diferentes. A gente fez Seminários Internos. Então nós tínhamos Seminários aonde nós todos apresentávamos os nossos projetos de pesquisa... mas aí a gente produzia um texto acadêmico, vinham debatedores, eram convidados professores de fora para serem debatedores. Então a gente tinha essa discussão

interna, que de alguma maneira isso... esses Seminários, Seminários de Pesquisa Interno. Não é um evento acadêmico aberto ao público. Até podia vir gente de fora, mas eram Seminários pra gente poder apresentar resultados, uns pros outros, das pesquisas que a gente estava fazendo. Acima de tudo isso: você poder discutir, debater, com essa lógica aí que você tá falando. Nós estamos construindo, né... um campo novo, então isso... de que maneira a gente sistematiza isso. Nesse âmbito acadêmico que você tá falando. Por outro lado, a gente teve, durante algum tempo, outro dia eu até achei isso, eu tenho que ver onde eu vou botar, vou ter que deixar isso com alguém... A gente tinha os Boletins do Departamento. Então nesses boletins tinha um monte de informações sobre as coisas que estavam acontecendo. Então é uma outra dimensão de registrar a memória dessa história. Desse processo.

EL: Que período que era isso?

CF: É década de 90, eu acho que foi final dos anos 90. 97, 98, foi por aí. Eu vou ver se eu acho. Porque aí é um outro lado da memória. Um outro tipo de memória, vamos dizer assim.

EL: E funcionou muito tempo isso, você sabe?

CF: Eu acho que isso deve ter funcionado... Porque isso acho que foi na gestão da Nara e da Maria Rachel. Porque a Rachel foi chefe de departamento também. Eu acho que... não sei se foi na gestão da Rachel pra Nara, ou da gestão da Nara pra Rachel... Mas deve ter funcionado uns 3 anos, talvez... É difícil manter, né? Regularidade nessas coisas. E também porque a gente não tinha ainda internet. Isso tudo também é importante, essas coisas porque você não tinha internet. Eu lembro quando chegou o computador... A gente tendo aula, eu lembro... Eu e Jaime Benchimol indo pra Casa Amarela pra uma aula de informática. [risos] Porque tudo era novo, né? [risos] Muito engraçado... Muito rápido. Muito rápido... Então aí esses mecanismos, por exemplo, esses boletins, eles perdem o sentido, depois que a internet chega isso tudo muda.

EL: Era uma publicação impressa, né?

CF: É. É. Por isso que eu achei ha pouco tempo, eu achei uma pasta que tinha essas coisas, depois eu vou ver se eu acho... E essa memória vai ficar muito dependente desses recursos. É diferente.

EL: E esses Seminários Internos, vocês têm algum... Foram dois que você falou, né?

CF: Foram dois. Em dois momentos diferentes. A gente tem as publicações disso, isso deve estar na Biblioteca.

EL: Geravam publicações a partir...

CF: Mas era assim, publicações que eu falo, assim, a gente... coisa que a gente mandava imprimir, entendeu. Não era... não era um livro, entendeu. E uma coisa que eu falo publicada porque era uma coisa que era divulgada... Eu tinha um monte de cópias desses... Aí tem texto de todo mundo, dos pesquisadores. O que a Tânia Fernandes estava fazendo, o que a Nara estava fazendo, o que a Nísia estava fazendo, o que o Marcos Chor estava fazendo, cada um escrevia um texto sobre o seu trabalho de pesquisa e apresentava, e vinha um debatedor de fora que ia discutir aquele trabalho. Foi muito produtivo, esses Seminários foram muito produtivos. Muito interessantes. Gerando troca entre a gente e ao mesmo tempo divulgando o trabalho também, porque as pessoas de fora que vinham também começavam a conhecer o trabalho que a gente estava fazendo. E começaram os Encontros de História e Saúde, que

também isso foi uma coisa importante pra também sistematizar a área. Que também não existia e que foi uma criação da Casa de Oswaldo Cruz.

EL: É o Encontro às Quintas que você tá falando?

CF: Não, aí era os Encontros mesmo, eram Seminários que tinham. Eram Encontros de História e Saúde. Aí você chamava gente de vários lugares que estavam trabalhando com... começando a trabalhar no campo da história e da saúde. Aí era um evento mesmo... Como é que eu vou dizer... Não seria um Congresso, é como se fosse um Congresso, mas não era um Congresso... era uma coisa mais simples.

EL: Isso era organizado pela Casa?

CF: Pela Casa. Isso foi organizado desde que a Casa começou, entendeu. Eu ainda estava na Ensp, o primeiro Encontro eu ainda estava na Ensp. Acho que foi 87, o primeiro encontro acho que foi 87, eu ainda estava na Ensp, e eu vinha com a Regina apresentar o trabalho que a gente estava fazendo da pesquisa lá na Ensp, entendeu. Foi o primeiro Encontro. Foi lá na... no auditório que tinha lá no Pavilhão de Cursos, lá na frente. Foi ali o primeiro Encontro de História e Saúde. A gente tem isso, eu acho, arquivado. Cartaz, o folderzinho com os nomes de todo mundo que participou, dos debatedores, das palestras...

EL: Mas esses Encontros...

CF: Eles continuaram, ao longo de muitos anos, não era todo ano. Era de 2 em 2 anos, sei lá, 3 em 3 anos, não sei a periodicidade direito. Mas isso durou muitos anos. E isso foi também um espaço importante pra... Pra sistematização da discussão acadêmica dentro... e da visualização da Casa de Oswaldo Cruz no meio acadêmico.

EL: Aí era aberto pra fora...

CF: Pra todo mundo... Vinha gente de várias instituições diferentes... Eu organizei um Encontro desse dentro de um Abrascão, que teve em Salvador. Eu, Simone e Flávio. É... em 2000. Ainda tinha Encontros de História e Saúde. Aí a gente organizou ele dentro do Congresso da Abrasco, entendeu, pra aproveitar também. Então fizemos uma parceria aí. Mas aí vem, tinha um monte de gente, várias mesas, entendeu, um monte de...

EL: E aí tinha algum... enviavam trabalhos, como é que era?

CF: Isso, é, isso aí você tinha...

EL: Tem anais disso?

CF: Tem, tem. Porque aí é um modelo de Simpósio, de Congresso mesmo, né. É porque começou como Encontro porque acho que era o início, você vê, o primeiro foi 87, então tem... a Rachel, há alguns anos atrás, não sei se foi aniversário da Casa... a gente estava na direção, foi na época que a gente estava lá na direção com a Nara... Que ano foi isso? Foi 2007? Acho que foi 2007, porque fazia exatamente 20 anos... A Rachel fez um Encontro... Uma recuperação dessa memória dos Encontros História e Saúde. Porque o primeiro foi 87, aí era em 2007...

EL: Mas como é que foi essa recuperação?

CF: Aí fez um evento, aí recuperou, fez uma exposição, com fotos, com... E fizemos o Encontro. Agora eu não lembro quem... Mas teve isso, teve gente pra falar, apresentar trabalho, acho que teve uma coisa de vídeo... Agora, foi meio que parando, né.

EL: É, por que que...

CF: É, também não... Eu tô me dando conta disso... [risos] Por que? O que que aconteceu? (...) Eu acho que a gente começou também a ir muito pra Anpuh. A Casa... a própria pós-graduação, como a nossa pós-graduação é dentro da área de história, eu acho que aí também essa parceria com a Anpuh foi se estreitando mais, e acabou perdendo um pouco o sentido de fazer uma coisa separada, a gente tem muito Simpósio temático dentro da Anpuh. Eu acho que deve ter sido isso. Nunca tinha parado pra pensar nisso direito, não. Por que... Eu acho que o último que teve foi esse... Vou até perguntar à Rachel depois... Foi um conjunto de coisas, né, você me entende, que é uma coisa muito... é complexo. Porque pensar uma instituição como a Casa, com essa diversidade... Hoje em dia é muito mais complexo, né, eu tô falando...

EL: E você vê, assim, ao longo desse tempo, ou mais recentemente, alguma transformação nessa área da Pesquisa, na identidade, ou da Casa, como esses outros campos, por exemplo, depois quando teve a inserção do Museu da Vida, ou o crescimento do DPH, enfim, ou a relação com as outras áreas... O que você acha, tem alguma transformação com novas gerações da Casa...? Tem alguma... não sei, o que você considera que é um pouco a identidade da Casa, hoje?

CF: A identidade da Casa de Oswaldo Cruz?

EL: Isso.

CF: Mas da Pesquisa feita pela Casa ou da Casa?

EL: Da Casa, em geral.

CF: Ah, eu acho que hoje a Casa ela é muito mais complexa. Hoje ela é uma instituição... ela traduz um pouco a... assim o avanço, a complexidade do campo científico, das pesquisas acadêmicas nessa área. Porque ela é... A Casa é uma instituição multidisciplinar. Porque você tem vários tipos de formação, de... de trajetórias intelectuais, de... expertises. Que hoje em dia isso é muito mais complexo, porque... E aí não é uma coisa só da Casa, né, é uma complexidade do campo científico mesmo. A criação do Museu da Vida abre um leque de... o próprio DPH, que foi... que começa com um projeto específico de restauração do Castelo e vai ganhando, hoje em dia você tem um nível de conhecimento, toda a discussão, o avanço que está se criando dentro da área de patrimônio cultural da saúde, patrimônio histórico, então, uma área... Cada área foi se, vamos dizer assim, se ramificando em campos, especializações... Então... Hoje sem dúvida nenhuma a Casa de Oswaldo Cruz é uma instituição muito mais complexa. Eu lamento, assim, o lamento é que eu acho que a gente... mas isso é uma discussão antiga também... eu acho que a gente ainda interage muito pouco. Isso é uma discussão que aparece sempre. Entre os departamentos, entre... Porque a gente produz conhecimento, bem ou mal, numa área que tem... você tem um campo comum aí, né. Então eu lamento muito que a gente... não troque mais. Eu acho que a gente podia trocar mais, ter muito mais intercâmbio, muito mais parcerias... Quando a gente estava... quando eu estava com a Nara, quando eu era vice-diretora, da área de Educação, a gente fez um edital de pesquisa, eu com o Luiz Otávio, que estava lá também, né, como assessor... A gente montou um edital de pesquisa que o foco principal era esse, era pra estimular a parceria entre os departamentos. Um dos pré-requisitos

era que os projetos fossem entre pesquisadores, tecnólogos, entre pessoas de departamentos diferentes da Casa ou até de fora da Casa, por exemplo, parcerias com outros setores. A gente queria exatamente estimular isso. E saíram projetos bem legais, do DPH com o DAD, entendeu... da Pesquisa com o Museu. Tem coisas legais nisso. Que saíram desse edital. Porque a ideia era exatamente estimular essa parceria, porque isso sempre foi uma coisa que... A gente sempre se preocupou com isso, num maior intercâmbio, numa maior interlocução... E eu acho que a gente ainda precisa disso. Que eu acho... que quando a gente mudar pro prédio novo isso pode mudar. Porque as pessoas vão circular num mesmo ambiente. Isso talvez favoreça, pela primeira vez a gente vai estar todo mundo junto, num mesmo lugar. Depois de tantos anos.

EL: E assim, como eu te falei um pouquinho no começo, do meu projeto, essa ideia de uma iniciativa de memória, falando nisso, numa iniciativa de memória institucional ou organizacional pra Casa, o que você considera que seria relevante pra uma iniciativa assim? O que você acha que vale a pena ser recuperado, ou ser desenvolvido na Casa, na sua opinião?

CF: Mas o que você fala, em termos de...

EL: De memória organizacional da Casa, aí você pode falar da perspectiva que você acha, ou dessa recuperação histórica de marcos, ou dessa coisas que você falou, mais da gestão, como era a ideia lá dos boletins... o que você considera uma coisa relevante que a Casa deveria desenvolver em termos de memória institucional ou organizacional?

CF: Mas aí você tá falando em termos de mecanismos que favoreçam o desenvolvimento disso ou em termos de conteúdo do que vai...

EL: De conteúdo, do que poderia ser.

CF: O que que poderia em termos de conteúdo. Temas, questões que poderiam ser desenvolvidas para favorecer a memória.

EL: Isso.

CF: É difícil isso, né? [risos]

EL: É, se você tem alguma sugestão...

CF: Porque eu acho que as pessoas precisam... Eu acho que essa memória vem quando você tem conhecimentos, assim, você tem troca. Eu acho que as pessoas precisam conhecer mais o que os outros fazem. Porque se não a minha memória institucional ela fica muito ligada à minha trajetória individual. Pelos lugares que eu passei, o que que eu fiz. Aí é uma coisa muito pessoal. Como eu sempre tive uma inserção institucional também, então eu sempre tive essa coisa de... entrei, aí já fui participar de regimento da Casa, de redação, ajudei a fazer mudança pra cá, aí eu fui ajudei... fui do Arquivo, e fui da Biblioteca, e vim pra Pesquisa, tô sempre junto com as pessoas que estão... Fui depois pra direção da Casa, fui do Conselho, quando teve os Cadernos de Saúde Pública, eu era do Conselho Editorial... Então quem tá num cargo institucional, você bem ou mal conhece as outras pessoas e conhece um pouco o que os outros estão fazendo. Mas se você não circula por esses ambientes, se você não tá em Câmara Técnica, você não tá... você não conhece direito o que que o outro tá fazendo, você fica só voltado pro seu trabalho, pras suas atividades. Então... se você não conhece direito o que as outras pessoas fazem, você não tem... essa sua memória tá prejudicada. Você no futuro você vai falar, vai falar do quê? Do que você fez... porque vai ser o que você lembra. Você não sabe

o que os outros fizeram. Então eu acho que era fundamental isso, e que não tem a ver com a pessoa passar... porque você pode ter pessoas que são membros de Câmara Técnica e continuem voltadas só pro seu trabalho, entendeu. Eu acho que você tem que ter... Hoje em dia a gente tem um site, você entra na página da Casa e você sabe tudo o que tá acontecendo, eu sei que tem uma peça no Museu, qual é o tema da peça. Tenho muito mais acesso. Eu sei que o Borboletário foi reinaugurado. Eu tenho um espaço... Como é que eu vou dizer, não sei qual é o termo, da área de vocês [risos]

EL: Um espaço web...

CF: Que favorece muito isso. Que ajuda nisso. Mas isso, eu só sei isso. Quem tá lá no Museu sabe que vai ter um pesquisador falando no Encontro às Quintas sobre um determinado assunto. Mas ele não necessariamente vem aqui, e ele só vai ver a chamada pro evento, ele não sabe direito porque aquele cara veio aqui? Por que chamaram esse e não o outro, entendeu? O que que essa pessoa tem... Então eu acho que uma coisa é divulgação, outra coisa é a troca, é um conhecimento efetivo do que que as pessoas fazem. Eu acho que... eu não sei de que maneira também isso poderia acontecer, é difícil. Uma coisa difícil. Porque vai pra além, né? A memória institucional vai pra além de um... do conhecimento, não é só isso, é uma coisa mais... Mais complexa. E aí eu acho que... talvez a mudança pro prédio, ela possa também indicar caminhos pra isso. Porque sistematizar informações, isso você... Porque essa memória pode ser preservada a partir disso, de informações sistematizadas... uma pessoa que daqui a 20 anos queira saber como era a Casa de Oswaldo Cruz, ela pode pesquisar, pegar só pegar o histórico, não pode, isso não tá guardado? Todas as... tudo o que foi postado na página da Casa? Isso não tá guardado? Da mesma maneira que eu estaria lendo um Boletim que tinha sido publicado, eu posso fazer um histórico de tudo o que foi postado na web ao longo dos últimos 20 anos, aí eu tenho um panorama do que que aconteceu na Casa de Oswaldo Cruz naqueles anos todos. Mas isso ainda é uma coisa muito... Ou tem os relatórios da Casa, que aí é a memória também, uma memória muito... digamos assim, ela é muito mais direcionada, no sentido que eu tenho que recortar informações, dados, essas informações tem que dialogar com o relatório da Fiocruz, aí é um outro tipo de memória também... É difícil, né? E porque eu acho... não sei, porque como eu também sou de outra geração, eu acho que quando você tinha tudo muito em papel, de uma certa maneira você... essa memória acho que era mais fácil, não sei... Porque hoje você não tem foto impressa, você não tem carta, você não tem cartão postal, né. Você vai pro acervo de Oswaldo Cruz, você vai fazer várias teses só com as cartas de Oswaldo Cruz. Mas e aí se fosse hoje em dia, como é que vai ser, você vai ter acesso a todos os emails. Então... é um desafio isso. Porque... essa memória ela pode se perder, né? Ou então só fica aquilo que... que se quer que fique... é difícil, eu acho difícil... A não ser que você tenha isso, quer dizer, propositalmente você tem estratégias com esse fim. Pra além das coisas oficiais. Pra além dos relatórios, essas coisas... Posso fazer uma análise dos orçamentos, de todos os PAs, entendeu, aí é uma coisa muito oficial. É diferente das documentações, das coisas que você ia achando...

EL: Aí, Cristina, mais um último bloco, assim, a respeito dessa sua experiência aqui na Casa, você destacaria assim, sei lá, alguma grande lição aprendida nesse período, ou alguma mensagem que você gostaria de deixar pros novos profissionais, pra uma nova geração que chega na Casa, da sua vivência aqui nesse projeto da Casa de Oswaldo Cruz...

CF: É, eu acho que assim, eu acho que o grande aprendizado, assim, a gente tá numa instituição, a Fiocruz é uma instituição muito especial. Muito diferenciada. Uma instituição pública que deu certo, funciona, funciona de maneira eficiente, com todos os problemas que

ela possa ter, você tem um... uma instituição pública que demonstra que o serviço público pode ser bem feito. Então eu acho que isso, no Brasil, é muito importante. A gente... Eu sou uma defensora do Estado, do papel do Estado na saúde, na educação, então eu acho que a gente tem que... é uma demonstração de que as coisas podem funcionar e funcionam de forma eficiente. E não é só na Casa de Oswaldo Cruz, isso é uma coisa da Fiocruz. Se eu for pro IFF, se eu for ver o atendimento médico que é feito, prestado... a maneira com que o Instituto Fernandes Figueira funciona é uma demonstração de que isso... de que o serviço público pode ser eficiente. E que os profissionais podem ser competentes, podem ser responsáveis. E, pra mim, eu... eu tenho muito orgulho, assim, de ter participado disso, de ter ajudado a construir essa instituição. Por ter participado desse início da Casa. Como eu acho que quem tá chegando agora também tem que ter orgulho, porque você tem coisas novas pra fazer, pra construir, e tem que aproveitar a oportunidade, de que tá numa instituição como essa. De que você pode participar das discussões, você não tá numa instituição autoritária, que você tem que obedecer a hierarquia de cabeça baixa, que você não tem direito à voz... A gente tá numa instituição altamente democrática, que se você quiser participar, discutir, questionar, que você vota, que você escolhe seus superiores, dentro da gestão, vamos dizer assim, entre aspas... Então eu acho que a gente tem que aproveitar pra fazer as coisas continuarem funcionando bem, prestar um serviço cada vez melhor pra população. Que é um desafio constante. A gente que começou, quando veio pra cá, as primeiras... a gente tinha um desafio de começar a construir uma instituição dentro de uma área nova que estava aparecendo. No momento, a geração que tá entrando agora, nova, ela tem um outro desafio, de fazer essa instituição ficar cada vez melhor, e superar as dificuldades que ela tem... Cada momento tem a sua complexidade. Os desafios são diferentes, mas você sempre tem desafio pela frente. [risos] Eu acho que é um privilégio poder trabalhar aqui e poder... ter... com todas as dificuldades e problemas que a gente sabe que tem, mas sempre vai ter, isso aí também... [risos] Não existe mundo ideal. Essas coisas são assim mesmo.

EL: Tá certo...

CF: Tá bom?

EL: Tá bom. Obrigada. [fim da gravação]